



FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE UMA CIDADE: UMA OBRA MEMORIALÍSTICA E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Cleyton Antônio da Costa¹

O Ensino de História: Discussões

A História como disciplina escolar oferece conhecimento específico, direcionando na produção de habilidades e competências próprias para que o aluno possa adquirir. Proporcionando a este aluno a capacidade de compreender a sua história e as histórias do mundo onde vive, como um conjunto de múltiplas memórias e de experiências humanas.

Antes, a disciplina era vista como componente curricular do passado, marcada pela memorização de fatos e datas dos principais acontecimentos. Fonseca em seus estudos aborda com o passar do tempo, frente às demandas nacionais instauradas no Brasil Império até o Brasil República, como a disciplina História perpassou por diferentes formulações para atender tais demandas, como exaltar a pátria ou formar o cidadão (FONSECA, 2011). Compreendemos que o componente curricular da História não se articula no fixar e repetir nomes e datas, lutamos para que o ensino de História seja uma possibilidade de (re)significação deste passado, que se movimenta constantemente diante da significação dada a ele.

Com este movimento, trazemos o debate da importância do foco ao local, a comunidade, por meio de obras memorialísticas que evidenciem as peculiaridades dos espaços que os alunos circulam e vivem:

A História local, no Brasil, ainda é vítima de rejeição junto à historiografia nacional. Isso se deve ao fato de ser, ainda hoje, escrita majoritariamente por amadores ou “não historiadores”,

¹ Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente de História, Ciências Sociais e Filosofia do Colégio COC Paulínia.

em sua maioria, memorialistas. Não raro, estes autores confundem trajetórias individuais, ascensão social e política, com a História coletiva, criando uma pretensa ideia de progresso. Consideramos imperativo que, no estudo de História regional e local, não se legitime o discurso dominante, muitas vezes, constitutivo da História das regiões. Neste aspecto, é importante ter como meta pensar tais relações de dominação no campo da História regional, não os legitimando, mas, dando enfoque a outros sujeitos que não apenas a elite local (Souza, 2020).

Assim, em sintonia ao debate proposto por Souza (2020), entendemos que um dos objetivos do ensino de História é refletir não sobre identidade, mas identidades, pautado na discussão de que a História Oficial não se restringe a um grupo, é sim na verdade em vários grupos diferentes tanto sociais, culturais e étnicos. Observamos que a constituição das identidades configura um panorama que traz muitas versões alternativas para o conhecimento histórico.

Estabelecer relações que possam conduzir o aluno a identificar com o nacional, mas antes atento às identidades e memórias que tange a este aluno, ou seja, ao local e região que reside. Conforme nos aponta Bittencourt:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer (Bittencourt, 2008, p. 168).

Aqui exemplificamos a importância de o aluno conhecer e reconhecer a história do seu local, notando as memórias e riquezas culturais e históricas.

Borda da Mata e sua história: a obra

A nossa intenção ao discutir que uma obra memorialística no ensino de História, pode sim ser utilizada em sala de aula, não apenas como material complementar ou texto informativo, mas sim como uma ferramenta de discussão acerca das memórias que envolvem a cidade de Borda da Mata.



E por intermédio desta metodologia em sala de aula é possível

produzir e fazer História com o compromisso social de dar visibilidade a outros sujeitos até aqui excluídos, para que possam recuperar seu lugar na História, reavivando suas memórias, suas lembranças e narrativas, para podermos construir outras histórias em que pessoas se reconheçam, uma História que lhes diga algo ou com a qual passem a se identificar (Fenelon, 2004, p. 5).

Com este aporte, possibilitamos ensinar História com outras ferramentas, que contribuam com a propagação de outras histórias, de poder compreender as lutas de sujeitos sociais no decorrer da História. Mas entender que o povo está presente na História, mesmo que de modo silenciado nas narrativas dos materiais e documentos históricos utilizados em sala de aula.

A escrita por João Bertolaccini da obra “Borda da Mata e sua história” se deu a partir de um pedido do Monsenhor Pedro Cintra, sacerdote que atuou diretamente em Borda da Mata a partir da década de 1950 até de 1985 e depois de período permaneceu como pároco emérito até sua morte em 2003.

Como um artesão, foi aos poucos materializando sua obra. Contando com o apoio da família e do solicitante, Monsenhor Pedro Cintra. Na justificativa da obra, o autor relata este momento de produção.

Iniciei esta tarefa em novembro de 1999. À medida que pesquisava e escrevia, sentia, no íntimo, a sensação de que algo como mágico, lendário, se misturava com fatos e histórias narradas ao meu redor, história da minha infância, que traziam, diretamente à tona, o mundo peculiar do velho e então misterioso arraial (Bertolaccini, 2001, p. 21).

A incumbência de registrar a história “oficial” de Borda da Mata é aguçada, no autor, pelas memórias relatadas ao longo de sua vida, principalmente, na infância. O ato de pesquisar mobiliza o encontro com outros saberes e, também, com diferentes versões de acontecimentos narrados por outrem. Como um grande quebra-cabeça, onde cada documento, cada fotografia, cada narrativa, cada impresso que vão se entrelaçando, permitindo a formulação de um grande mosaico de conhecimentos históricos.

Aí vemos o íntimo, o pessoal se articulando com o objeto eleito da pesquisa. O vínculo afetivo oportuniza uma viagem de encontro com tais conhecimentos, que é definida como mágico, lendário por Bertolaccini. O pesquisar se articula como uma ação que permite o ampliar do horizonte sobre um determinado assunto, fazendo o encontro com diferentes temporalidades.

Um exemplo é a arte da capa de autoria de Maria Aparecida Costa Bertolaccini, esposa do autor.

Imagem 1. Capa da obra “Borda da Mata e sua história”.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Rita Bertolaccini.



A capa é elaborada a partir de três peças geométricas, que sustentam imagens de lugares significativos para a história de Borda da Mata. Vamos olhar cada peça, de modo especial. A peça na parte inferior retrata o rio Mandu, principal afluente do município.

Na obra é apontada a relevância do rio, o autor traz que “Às margens do Rio Mandu, no lugar denominado “CAMPO DO MANDU”, meio caminho da estrada que margeia o mesmo rio, ligando a VILA DE OURO FINO e o REGISTRO DO MANDU, já havia lavras de ouro” (2001, p.39). Configura-se como o berço da história de Borda da Mata, diante da atividade aurífera realizada neste espaço germinou a arraial. Também, compreendemos que traz o sentido de movimento, de vida, que a história não para, é um eterno devir.

Na peça triangular à direita é apresentada a antiga Igreja Matriz. Em uma entrevista para uma pesquisa de mestrado, João Bertolaccini afirmou:

Era uma igreja muito antiga, se não me engano ela foi feita em mil oitocentos e cinquenta e cinco, por aí. Era uma igreja antiga, e sempre foi reformada. Mais era ampla até e de soalho, era de soalho, tábua, né? Tábua, forro de tábua, muito bem, aquelas abóbodas, assim de...até bonito.²

Foi um lugar que marcou uma geração, diante das atividades realizadas pela população de Borda da Mata. Remota a temporalidade marcada pelo o que representou este espaço na história da cidade. O passado é materializado pelos traços do desenho, convidando a buscar conhecer as histórias e acontecimentos que envolvem as dinâmicas sociais e culturais, que marcaram a comunidade bordamatense.

Já na peça superior é destacada a Igreja Matriz, hoje Basílica de Nossa Senhora do Carmo. Foram 7 anos dedicados à construção da igreja matriz, como aponta João Bertolaccini que “deu um apoio fantástico, muito grande, muito grande. E... ficou muito

² Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



satisfeito. Tanto é que em oito anos fez a Igreja”.³ E neste período de construção a população católica deu apoio participando das festas, quermesses, com doações para a execução do projeto eclesialístico.

No ano de 1958 foi sagrada a Igreja Matriz, abençoada pelo bispo Dom João Rezende Costa, Arcebispo de Belo Horizonte e natural de Borda da Mata. O artigo “A Paróquia celebra 40 anos da inauguração da Igreja Matriz” redigido pelo Monsenhor Pedro Cintra, no ano de 1998, celebrava os 40 anos da inauguração do templo religioso.

Dia 16 de Julho do corrente ano ocorre o 40º aniversário da inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Foi acontecimento inesquecível. As pessoas de até 40 anos de idade não viveram este acontecimento. Foi uma festa grandiosa, da qual a nossa mocidade tomará conhecimento por esta Folha Paroquial.⁴

Tal data é apresentada como um “acontecimento inesquecível”, isto se deve ao fato de o trabalho dispensado a tão esperada concretização da construção do edifício. E, naquele ano, 1958, também foi celebrado o centenário da elevação da paróquia. Neste contexto festivo, celebra-se o passado, o centenário da paróquia, e o presente, na inauguração da nova igreja, como um novo lugar das práticas religiosas reconhecidas pela Igreja Católica, ao se realizar o ato público de benção do espaço.

A capa formula um mosaico de temporalidades diferentes, que expressam momentos específicos da história da pequena cidade sul-mineira. Momentos que são evocados por suas singularidades e relevâncias, portanto, oportunizando a compreensão que a história está em plena construção, pelo fato, que analisar o passado é uma ação feita no presente. Este movimento que parte do presente permite elucidar versões do passado, que até então não foram percebidos. Deste modo, vemos a capa da obra como uma provocação a contemplar o passado e compreender as permanências e mudanças realizadas ao longo do tempo.

³ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁴ CINTRA, Pedro. A Paróquia celebra 40 anos de Inauguração da Igreja Matriz. *JornalFolha Paroquial*, Ano II, nº3, Junho/1998, p. 03.

Obra memorialística: reflexões historiográficas para o ensino de História

Bertolaccini se apoia, no início de sua obra, para a formulação de sua narrativa memorialística no mito de origem. Na busca de elementos que justifiquem a formação do território mineiro.

No decorrer do século XVII, habitava no território do Sul de Minas Gerais, uma grande e organizada nação indígena que ocupava os sítios, às margens do Rio Grande. Tratava-se dos índios “Cataguà”, uma tribo guerreira e bravia que muito terror impôs aos bandeirantes que penetravam essa região para capturá-los e principalmente para a exploração do ouro” (Bertolaccini, 2001, p. 25).

Inicialmente, deparamos com a imagem produzida pelos indígenas da região. Os adjetivos “grande” e “organizada” que buscam atribuir certa força à nação indígena mencionada acima. Estrutura-se um arquétipo para tal grupo com o intuito de impor uma tarefa hercúlea em relação aos bandeirantes paulistas que adentram tal território.

Na obra “Borda da Mata e sua história” em poucos momentos é mencionada a população nativa desta região. Vemos o exemplo da citação acima e outras, como “nas terras do Sul de Minas ou terras dos ‘Cataguá’”(p.27), “às margens do Rio Grande, os índios ‘Catu-aná’ que, degenerados pela guerra, juntaram-se com os Aimorés nos sertões do Rio Doce” (p.26) ou “O nome ‘Mandu’ deriva da corruptela de ‘Mandi-Yo’, que quer dizer ‘peixe amarelo’”(p.37). As demais menções referem-se a indígenas que resistiram e lutaram nas proximidades de arraiais fundados, que geograficamente, hoje pertencem ao Estado de São Paulo.

O autor foca sua narrativa na identificação dos nomes dos bandeirantes paulistas e autoridades eclesiásticas ou políticas, trazendo-os como o nome em caixa alta. Compreendemos que a historiografia tradicional se voltava, de modo expressivo, para a configuração dos nomes e datas. Burke nos aponta tal estrutura, ao descrever que

[...] A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história (Burke, 2011, p. 12).

Na sala de aula, o uso da obra de Bertolaccini deve ser um provocador, pois, encontramos rápidas passagens acerca das populações indígenas, não tendo ressaltando a importância e as memórias das populações nativas de nossa região. Assim, é articulada a história sul-mineira direcionada na atuação dos bandeirantes paulistas, gerando o aviltamento da cultura e memória indígena. Aquilo que não é dito, está repleto de significações, ou seja, a produção do esquecimento. Porém, alguns vestígios podem engendrar discussões em relação à população nativa, como “muito terror impôs aos bandeirantes” (p. 25), trazendo uma postura de resistência frente a violência gerada pela ação dos bandeirantes.

Lima, em seus estudos, nos ajuda a refletir acerca destas questões que envolvem a história indígena, despertando novos olhares.

A história indígena é uma área do conhecimento histórico repleta de desafios e possibilidades. Se, por um lado, as populações indígenas estão presentes na literatura histórica desde as primeiras narrativas escritas por europeus sobre as Américas, por outro, esta presença, na grande maioria dos casos, foi obra da pena de indivíduos que participavam, mais ou menos ativamente, de um complexo processo de colonização marcado por preconceitos e situações de violência – física e simbólica – contra povos indígenas por parte dos colonizadores.

No processo de interação entre os inúmeros grupos étnicos nativos e os portugueses, franceses e holandeses que se estabeleceram no território do atual Estado brasileiro, o que menos é conhecido pela academia é a perspectiva dos indígenas, a história de seu ponto de vista e isto se deve a muitos fatores. O principal deles é grande redução da população indígena desde o momento do contato e durante os séculos seguintes, devido a doenças e guerras de conquista. Outro é a natureza da própria documentação colonial “tradicional”, ou seja, escrita e iconográfica, que é parcial e limitada, com representações que revelam o olhar dos europeus sobre o indígena – um outro exótico, entre o bárbaro e o bom selvagem. Para não ir muito longe,

cabe observar que este peso do olhar eurocêntrico reside, por exemplo, no próprio termo índio, como se habitasse a Índia e se tratasse de um único grupo étnico, equívoco que foi constatado já na década de 1520, mas perpetuado por todas as gerações seguintes até os dias de hoje. Por estes motivos, e muitos outros, a sociedade brasileira ainda sabe pouco sobre a história dos povos indígenas no Brasil e, em especial, de Minas Gerais (Lima, 2011, p. 1).

Com isso, temos o convite para conhecer melhor as memórias e histórias dos povos indígenas que habitaram e habitam a região sul-mineira. Uma indicação de leitura nesta temática é a obra de Gustavo Uchôas Guimarães intitulada “Histórias e culturas indígenas na Mantiqueira e Vale do Rio Verde” publicada em 2019, pela editora Cia do Ebook, que percorre esta memória indígena, tendo como objetivo “um despertar da consciência sobre a diversidade cultural que forma a região sul-mineira e a participação dos povos indígenas nos processos históricos e culturais que moldam o chão sul-mineiro no decorrer da História” (2019, p. 2).

Atentos a este movimento gerado pelo contato com a obra memorialística, temos a consciência que a produção da escrita, neste caso, se articula no processo de trazer conhecimento da constituição e organização histórica da localidade. O que oportuniza a leitura de indícios, vestígios, acenos que podem conduzir para uma ampliação.

Malerba ao analisar a prática da crítica historiográfica nos orienta que

A fonte geradora da historiografia é a necessária retificação das versões do passado histórico, operada a cada geração. Quase desnecessário lembrar a ascendência croceana dessa postura, de acordo com o qual cada época levanta suas próprias questões e novas demandas e fórmulas para uma sociedade interrogar seu passado. A retificação, motivada e condicionada pela própria inserção social do historiador em seu contexto, costuma apoiar-se também em recentes descobertas documentais e/ou no alargamento do horizonte teórico-metodológico das disciplinas. Desse modo, como ensina Rüsen, cada geração conhece mais e melhor o passado do que a precedente. É essa historicidade do próprio conhecimento que obriga ao historiador a haver-se com toda a produção que procura superar (Malerba, 2009, p.17).

Ao ter contato com uma obra memorialística, estamos em frente a uma versão do passado. A escrita de uma obra que aborda o histórico de uma localidade, um município, uma cidade não contempla tudo, ou seja, toda uma produção da narrativa em trazer pontos específicos, em que o autor julga como relevante.

Malerba vem com o intuito de instigar o leitor, e aqui no caso o docente de História, a ir além da obra. Compreendê-la como um trampolim para novas informações e saberes. Ter a obra memorialística como um avivar na maneira de olhar o espaço eleito pelo autor.

A obra produzida por Bertolaccini nos permite conhecer os percursos históricos que abrangem o regional para o local, como um microscópio que vai focar naquele ponto que é pertinente para o conhecimento. Percorrendo a região sul-mineira ao chegar no município de Borda da Mata e encontrar as suas tramas que mobilizam as dimensões políticas, culturais, religiosas, entre outras. Mas para tal atividade que foi conhecer a história da pequena cidade, Bertolaccini teve que sair da cidade de Borda da Mata e realizar pesquisas para produção de “Borda da Mata e sua história” e percorreu vários arquivos e museus, encontrando e compilando vários documentos oficiais acerca da história de Borda da Mata.

Com todo cuidado historiográfico, Bertolaccini traz, ao longo da sua obra, fragmentos transcritos de documentos oficiais. Ressalto o cuidado na realização das transcrições, que visam a manter a ortografia de cada documento, transportando, de certa maneira, aquele momento em que as histórias de Borda da Mata se materializaram.

Outro fragmento da obra de Bertolaccini que conduz uma instigante análise refere-se à Revolução de 1932.

Getúlio Vargas toma o poder em 1930, pondo fim à República Velha, que se articula na manutenção de oligarquias ligadas à produção do café (paulistas) e ao leite (mineiros). A conhecida política café com leite, que regia o revezamento de presidentes da República do Brasil, entre os paulistas e mineiros. E com isso, a manutenção de práticas fraudulentas nas eleições e favorecimento daqueles sujeitos ligados a estes grupos oligárquicos.

Com Vargas no poder, toda esta estrutura foi rompida, instaurando um governo provisório, com a implantação de medidas centralizadoras e interventoras.

As medidas centralizadoras do governo provisório surgiram desde cedo. Em novembro de 1930, ele assumiu não só o Poder Executivo como o Legislativo, ao dissolver o Congresso Nacional, os legislativos estaduais e municipais. Todos os antigos governadores, com exceção do novo governador eleito de Minas Gerais, foram demitidos e, em seu lugar, nomeados interventores federais. Em agosto de 1931, o chamado Código dos Interventores estabeleceu as normas de subordinação destes ao poder central (Fausto, 1995, p.333).

O interventor para São Paulo era o pernambucano João Alberto, gerando intensa insatisfação. A elite paulista exigia a constitucionalização do país, ou seja, desde que Vargas tomou o poder, a constituição de 1891 foi suspensa e ele governa através de decretos. Em outros fatores,

A 9 de julho de 1932, estourou em São Paulo a revolução contra o governo federal. O esperado apoio do Rio Grande do Sul e de Minas não veio (FAUSTO, 1995, p. 346). [...] Mas a superioridade militar dos governistas era evidente. No setor sul, as forças do Exército contavam com 18 mil homens, além da Briga Gaúcha e outros contingentes menores. Os paulistas não passavam de 8500 homens. [...] Apesar do desequilíbrio de forças, a luta durou quase três meses (Fausto, 1995, p. 350).

Diante deste evento histórico que se articulou em nível nacional, a obra “Borda da Mata e sua história” retrata este momento com uma narrativa envolvente.

A propósito, contam as pessoas mais velhas que quando a população de Borda da Mata, em 1932, durante a revolução constitucionalista de São Paulo, ouviram falar que os soldados “paulistas” estavam prestes a chegar de trem para tomar a nossa cidade, várias famílias acreditando que poderiam ser presas e temendo pelo pior, fugiram para as fazendas do Município abrigando-se em casas de parentes e amigos. Entretanto, em 19 de julho de 1932, às 16:30 horas, chegou o trem na Estação de Borda da Mata trazendo as TROPAS PAULISTAS, vindas de Campinas. Compunha o Batalhão de 280 soldados e oficiais, cujo

nome era “Batalhão Fernão Dias”, comandado pelo Capitão PITCHER, um gaúcho renegado que abraçou a causa paulista.

Ao desembarcarem em nossa cidade, vasculharam as casas próximas à Estação da Estrada de Ferro e dirigiram-se para o centro, deixando uma sentinela em cada esquina. Borda da Mata estava quase vazia. Os seus habitantes se refugiaram nas fazendas.

[...] O Batalhão Fernão Dias era composto de soldados, Oficiais da Força Pública da cidade de São Paulo e de jovens voluntários da causa constitucionalista. O Capitão PITCHER e seus oficiais resolveram pernoitar em Borda da Mata, para, no outro dia, atacar o 8º Regimento de Artilharia Montada em Pouso Alegre.

Naquela noite, o Sr. Raul de Andrade Cobra arriou uma mula de sua propriedade e enviou o Sr. Manoel Cassimiro com uma mensagem ao Comando do 8º RAM em Pouso Alegre, informando-o do efetivo das tropas paulistas que iriam seguir no dia seguinte, depois do meio dia, para atacar o Exército em Pouso Alegre.

O 8º Regimento de Artilharia Montada sediado em Pouso Alegre havia saído na tarde daquele dia em direção à divisa de Minas Gerais com São Paulo, para reforçar as tropas legalistas que estavam lutando bravamente contra as tropas paulistas, no túnel da estrada de ferro, perto da cidade de Cruzeiro.

Ao receber a mensagem, o oficial de dia do quartel imediatamente comunicou-se através do rádio com o Comando do 8º RAM que se já se encontrava perto da cidade de Santa Rita do Sapucaí. Este voltou imediatamente, chegando ainda ao clarear do dia 20 de julho de 1932 a Pouso Alegre e se posicionou com os canhões de 75mm no alto da Vendinha (bairro São João).

Voltados para a linha da estrada de ferro que ali passava, esperavam o trem com as tropas paulistas. Foi na verdade uma tocaia, como diziam os paulistas, na época.

Às três horas da tarde do dia 20 de julho de 1932, ouviram-se os primeiros tiros de canhões disparados pelo 8º Regimento de Artilharia Montada de Pouso Alegre, contra o Batalhão de paulistas. Houve o combate da Vendinha (bairro São João) e a artilharia em poucas horas fez debandar aqueles jovens inocentes, úteis da Revolução Constitucionalista (Bertolaccini, 2001, pp. 163-164).

Com tons de crônica, é narrado este acontecimento histórico que perpassou pela Borda da Mata. Ao utilizar este fragmento em sala de aula, o docente terá em mãos uma versão da Revolução de 1932, que não estará nos livros didáticos. Isso oportuniza o aproximar do fato histórico com o aluno, que, diariamente, passa por esses locais citados acima. Realiza-se um movimento de contato histórico, o evento foi em uma

temporalidade distante, mas é operado pelos lugares que oportunizam significados àquele conteúdo histórico.

Karnal nos orienta que “cabe ao professor [...] aproximar o aluno dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como a gente vem fazendo História” (2007, p. 28). Com este aporte, compreendemos que nossa prática em sala de aula visa a desconstruir a perspectiva que a História é vivida em grandes cidades, por pessoas importantes, em momentos singulares.

Oportunizar a dinâmica histórica em seu cotidiano, com vestígios, indícios que estão próximo a estes alunos, fazendo o exercício de criticidade e reflexão para esses instrumentos que possibilitam ver e compreender o conhecimento histórico.

Juntamente com a dimensão de apurar neste aluno e aluna, que são sujeitos históricos, que fazem história, que suas escolhas e ações conduzem a transformações em diferentes níveis, do mais íntimo ao coletivo. A figura do Manoel Cassimiro que montado em uma mula, pode mudar toda uma dinâmica bélica, é um exemplo como um sujeito que poderia ser invisibilizado ou esquecido está presente na obra de Bertolaccini. Mostrando que qualquer sujeito pode mudar a história.

Considerações finais

Aí vemos a importância da história local por meio das obras memorialísticas. Também ressaltamos a importância de outras fontes históricas, como jornais locais, fotografias, narrativas orais, diários, entre outros registros históricos que oportunizam ter o contato com diferentes versões do passado local e nacional. Tais registros produzem a mobilização de outros sentidos para o conhecimento histórico e aguçam a importância da história local.

A história local pode viabilizar uma outra escrita para história do Brasil, pondo em xeque a própria construção de categoria Brasil como unidade territorial, política, nacional. Nesse ponto, a história local emoldura, na sua narrativa, outros lugares de ação para sujeitos situados nas margens de certos locus de exercício de poder, ostentados



por uma escrita da história comprometida com a fundação de uma consciência nacional (Gonçalves, 2007, p. 182).

O local entrelaça com o nacional, fazendo com outras perspectivas para o saber histórico seja dinamizado. As narrativas locais, como na obra de Bertolaccini, engendradas de documentos oficiais ou das histórias contadas pelos mais velhos da comunidade viabilizam versões não oficializadas dos acontecimentos históricos, permeados por sentimentos de pertencimento e proximidade. Bem diferente daquele conhecimento histórico presente no livro didático. Realizando a valorizando o local com suas narrativas, que permitem um trabalho em sala de aula, que revigora o ensino de história.

Em suma, possibilita um impacto que um livro pode trazer para um aluno, para uma turma de alunos e/ou para uma comunidade. Ainda mais quando este livro aborda a história de uma cidade, fortalecendo o sentido de que a história é construção. Evidenciando que a história está próximo do sujeito aluno, permitindo um outro olhar sobre sua cidade e região.

Referências

BERTOLACCINI, João. **Borda da Mata e sua história**. Borda da Mata: Editora Imagem, 2001.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 2011.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FENELON, Déa Ribeiro. **Texto apresentado no VII Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**, UFMG, Belo Horizonte, 2004.



FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

[GUIMARÃES, Gustavo Uchôas](#). **Histórias e culturas indígenas na Mantiqueira e Vale do Rio Verde**. 1ª. ed., Timburi: Editora Cia do Ebook, 2019.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª.ed., São Paulo: Contexto, 2007.

LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. Memórias indígenas e ensino de história. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH**. São Paulo: ANPUH, 2011.

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, José Clécio Silva de. Ensino de História: uma reflexão sobre materiais e métodos de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 37, 29 de setembro de 2020.